

Resenhas

TOBIN, Kenneth; ELMESKY, Rowhea; SEILER, Gale. *Improving urban science education, new roles for teachers, students and researchers*. USA: Rowman & Littlefield Publishers Inc., 2005, 346p.

A superfície da capa é uma montagem fotográfica. Alternando espaços com o título em cores amarelas, brancas e de fundo negro, há quadrados e retângulos de tamanhos diferentes, de onde aparecem as imagens. Fragmentos de uma fotografia que está ampliada na parte inferior da capa: um estudante afrodescendente olhando ao microscópio, em um laboratório que aparece ao fundo, desfocado, juntamente com a figura do professor, também da mesma etnia. Os fragmentos são ora desfocados, ora nítidos, como se estivéssemos olhando a fotografia ao microscópio. É interessante, como convite à leitura, esse jogo entre o visível e o enunciável que a capa *discursa*.

A alusão ao olhar investigativo com o auxílio do aparato técnico, na construção da realidade, entre nebulosidades e nitidez, é uma abertura a adentrar na coletânea de textos que Kenneth Tobin e colaboradores produziram a respeito do trabalho que realizaram, na Filadélfia, em escolas urbanas nas quais estudam a maioria dos

estudantes “african american”. Esses estudantes, segundo a coletânea, vivem em condições de pobreza e, em parte, nos guetos ou grupos “de rua”.

A aposta, na obra, nos fragmentos que são focados/desfocados pelas lentes da investigação traz também resultados na forma de organização dos textos: a coletânea é aberta com um *patchwork* de perspectivas a respeito dos papéis dos estudantes como pesquisadores dentro do projeto coordenado por Kenneth Tobin, professor na The City University of New York. Ele iniciou sua carreira como professor de ciências e de matemática no ensino médio e, paralelamente aos projetos na universidade, desenvolve o que em parte se expressa neste livro: a aprendizagem de professores em trabalhar nas escolas secundárias urbanas.

Nas dez primeiras páginas que configuram o prefácio, podemos *escutar* os estudantes dizendo suas experiências mais marcantes como investigadores no projeto, destacando-se as contribuições para diminuir a evasão, a maior participação nas decisões curriculares, o trabalho com metodologias de investigação e o estímulo a pensar. Os organizadores da coletânea explicitam que apresentar um prefácio com perspectivas, sentimentos e idéias dos estudantes marca o que consideram essencial para a discussão em torno do ensino de ciências nas escolas urbanas:

o encontro de uma escola que lhes confira identidade, sensação e reconhecimento de estarem dentro da nação americana. Para isso, é fundamental conhecer exemplos das suas diferentes histórias socioculturais e, mais importante, fazer dessas diferenças o movimento da organização estrutural, afetiva e de aprendizagem nas escolas urbanas.

Elegendo uma frase – “The world waitin” (O mundo esperando), do *rap Sicken*, composto por dois estudantes – como lema/tema para o contexto dos 17 capítulos que compõem a obra, os organizadores reforçam que a liberdade, tão simbólica para representar os Estados Unidos, nunca poderá ser obtida através do silêncio e também apostam que a juventude americana afrodescendente está pronta para participar engajada na sociedade.

É possível *querer*, pelo prefácio, que o livro participe da produção discursiva em que ensino de ciências, poder, sociedade e transformação se conectariam tendo as culturas urbanas americanas como contexto ou centralidade. Isso não é surpreendente, pois Kenneth Tobin é editor da recém-lançada revista *Cultural Studies of Science Education*.

Destaco que esse *querer* do prefácio se associa aos matizes em evidência no Brasil com os quais se delineiam os estudos culturais em suas interfaces

com a educação e para os quais, com raras exceções, as pesquisas sobre educação em ciências têm-se colocado à margem e olhado com estranheza. O livro que é assunto desta resenha é, por linhas outras, uma aproximação potente entre ensino de ciências e estudos culturais. Pode ser, inclusive, um convite às avessas para conhecer e interessar-se pelo que já tem sido produzido no Brasil, com outros tipos de conexões.

Apostar na centralidade da cultura e nos processos de significação que são produzidos em determinados contextos históricos e discursivos é parcialmente o que os capítulos da coletânea realizam. A *política cultural* que os autores buscam evidenciar não se engendra nas relações entre saber e poder ou mesmo em processos de (des)construção das representações culturais, o que, em minha análise, é uma opção que pouco potencializa as discussões recentes e importantes para, principalmente, pensar as ciências como representações culturais.

Os capítulos do livro estendem a *política* pelos meandros da dialética da urbanidade, ou seja, a partir da discussão de códigos das ruas, sinais e indícios de identidades dos sujeitos que vivem da/na/com a cidade; jogo de disputas, disparidades e contradições marcam as relações sociais que acontecem nas escolas. Política da reprodução social? Talvez. Referências a Bourdieu e Paulo Freire indicam-nos as ênfases em opressão, em resistência e em sistema de compartilhamento de códigos sociais. Uma síntese desses enfoques é a produção de sentidos para o conceito de *agenciamento* (distinto dos significados nas filosofias da diferença) cujo efeito é mobilizar os sujeitos tanto naquilo que lhes é pessoalmente constitutivo (experiências, consciência, valores) quanto na libertação das estruturas sociais externas, opressoras e produtoras de desigualdades. Em várias passagens, por entre os

capítulos da obra, acentua-se a relevância do diálogo, do trabalho coletivo, dos papéis das diferenças culturais e dos diferentes níveis de representação para os fenômenos que são estudados em aulas de ciências.

Em linhas que não se aproximam da compreensão radical de ciências como culturas, o livro tem sua radicalidade ramificada e conectada em outro substrato: *ao estudar ciências aprende-se a respeito da constituição das identidades culturais*. O efeito dessa radicalidade está longe de ser a redenção da cisão entre conceito científico e contexto cultural. Não é esse retorno que difere. As ciências, como objeto histórico disciplinar, apresentam-se como um dos conhecimentos cujo não aprendizado gera exclusão em várias instâncias participativas da sociedade.

O livro não coloca em suspensão a relevância de aprender ciências, mas apodera-se de discursos do campo sociológico – que pouco ainda afetam grande parte das pesquisas em educação em ciências – a respeito da seleção, organização e principalmente contextualização dos conhecimentos. A produção curricular nas escolas urbanas, nos dizeres dos capítulos do livro, deve ser conhecida pelos movimentos singulares que estudantes, professores e pesquisadores realizam no trabalho cotidiano. Reforça-se, contudo, o papel de controle das instituições na contemporaneidade.

São prostitutas, *rappers*, professores e professoras iniciantes, linhas de pesquisa, conceitos científicos, organizações espaço-temporais das escolas que nos passam, aos leitores, também no “fino ajuste” do foco do microscópio, imagem marcante da capa e superfície de espalhamento das palavras dentro do livro. Esse espalhar das palavras encontra, em alguns capítulos, a forma de narrativas, especialmente quando são professores a contar suas experiências com estudantes.

Não são, entretanto, “micronarrativas”, nas quais pulsem as singularidades no encontro com as experiências universais, que as transcendam a partir dos objetivos das lentes da pesquisa. Mas há possibilidades de fazê-lo. Grande parte dos textos são traçados de metodologias etnográficas, nas quais são apresentados os diálogos, os contextos e as posições da diferença na produção discursiva. Essas metodologias são um esforço, no livro, de gerar a mesma predicação que o microscópio deseja fazer – ampliar para ver o detalhe e perder-se do contexto. Assim, fugindo da micro e da macroanálises, as autobiografias, as edições de vídeo e os relatos reflexivos das experiências criam um espaço do meio (*meso*), híbrido, de passagem. Esse meio, passagem, também é *política* que gira, como câmeras de circuito fechado, pela questão “A cada momento, o que foge numa sociedade?”¹ Há, portanto, um plano de multiplicidades que o livro expõe, e que sua leitura nos permite capturar e nela sermos capturados. É importante destacar que nesse plano não se escolheu fugir à disciplina. O livro é a respeito de educação em ciências. Apresentar-se contendo a disciplina é submeter o plano ao ritmo, indolência e violência de um conceito, e é também perfurar esse conceito até que dele saia o seu excesso de barbárie e de fluxos controlados. É impossível *negar* para *superar*, lidar com o *avesso*, pois é sempre *dobra*.

A discussão a respeito de culturas que o livro traz, e nelas centraliza as análises, é contraponto ao disciplinamento que os conhecimentos científicos escolares já fazem, de espaços e tempos da vida, do pensamento e da escrita (sistematize, organize, interpre-

¹ Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, v. 3, p. 79.

te, analise, realize reflexões!) dos corpos, das subjetividades, das expectativas, dos sonhos, das memórias. O que o livro insiste em afirmar é que as abordagens culturais, em variadas nuances, quando se juntam são uma multidão, por vezes impessoal, que constantemente têm de (con)viver com a disciplina. Uma vez mais é importante afirmar que a política cultural se efetua em aglutinações do tipo disciplina-controle-cultura-libertação. Nessa direção, abre um caminho profícuo de diálogo com perspectivas pós-estruturalistas e pós-modernas que têm sido motivo de pouco interesse do campo da pesquisa em educação em ciências no Brasil.

O livro é um argumento, longe de ser consensual, de que é apenas com a existência da disciplina, em nunca querer se estabilizar com/em ela, que o plano pode ser de fuga. Por isso ensino *de ciências*.

Antonio Carlos R. Amorim
Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação
E-mail: acamorim@unicamp.br

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *Políticas de currículo em múltiplos contextos*. São Paulo: Cortez, 2006, 272p. (Série Cultura, memória e currículo).

O livro traz os resultados de pesquisas que abordam o pensamento e a política curricular. Os artigos analisam as propostas curriculares nacionais para as diferentes modalidades de ensino e questões referentes à cultura e aos direitos humanos desenvolvidas a partir da década de 1990 e seus respectivos direcionamentos em termos

de pesquisa e prática no campo educacional. Tendo como premissa que as propostas são constantemente contextualizadas e recontextualizadas, articulam questionamentos sobre a manutenção de políticas de currículo nacional até os dias de hoje, apesar das inúmeras críticas e apesar dos novos grupos políticos no governo. Nesse sentido, os textos presentes nesta série abordam os processos produtivos e as práticas pedagógicas que negociam sentidos na produção de políticas de currículo.

Num primeiro momento, no âmbito internacional, as organizadoras apresentam uma entrevista com William Pinar, professor e pesquisador em currículo da University of British Columbia (UBC), no Canadá, que dirige o Centre for the Study of the Internationalization of Curriculum Studies, na mesma instituição. Nessa entrevista, Pinar relata o quanto estudar a história do currículo ajuda a perceber o passado que habita o presente. Dentro da lógica do passado sempre presente, argumenta que precisamos pesquisar as dimensões biográficas e autobiográficas do currículo e dos profissionais envolvidos na sua produção e execução, de modo que possamos compreender as complexas relações entre subjetividade e aprendizagem, ensino e currículo. A entrevista aborda também as questões políticas no processo de elaboração das reformas curriculares, trazendo para a pauta de discussão a dispersão cultural presente nas políticas educativas atuais, que têm demonstrado uma nova forma de “identidades políticas” que, mesmo vinculadas a um aparelho de Estado autoritário e ao mercado, como suas intensas medidas de (re)centralização, têm buscado responder aos propósitos específicos e locais. Entre outras questões, a entrevista também revela os pensamentos do autor em relação às questões de gênero, de multiculturalis-

mo e de ação ecológica, assim como as relações entre currículo, indivíduo, sociedade e história.

No segundo artigo, “Propostas curriculares na Argentina: as tradições disciplinares, da didática geral e das didáticas especiais”, Alejandra Amantea, Graciela Cappeletti, Estela Cols e Silvina Feeney argumentam que a política educacional está sempre atravessada por determinações históricas e políticas e se constitui na relação entre teoria, políticas curriculares e tecnologias de planejamento em diferentes contextos. Alertam que precisamos pensar nas ideologias e nas posições dos atores envolvidos nos diferentes âmbitos da definição de textos curriculares, para assim entender as finalidades a que se destinam no processo de seleção cultural e a distribuição social do conhecimento. Uma questão relevante em relação ao caso argentino no processo de elaboração curricular refere-se ao fato de a comunidade escolar local não possuir participação decisiva na produção do texto curricular oficial, o que torna o docente muitas vezes apenas um intérprete do texto. As autoras defendem que são três as principais tradições do pensamento curricular: disciplinar, da didática geral e das didáticas especiais. Por entenderem que a produção curricular é um processo social e culturalmente mediado, ressaltam que as tradições no planejamento curricular articulam as decisões curriculares com as demais forças e influências que atuam sobre o campo educativo.

Trazendo as questões para o campo educacional brasileiro, o livro começa com o capítulo “Sistema de ensino, escola, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens?”, de José Carlos Libâneo, que organiza seu ensaio em cinco momentos: Os fatores externos e a efetivação das políticas para a escola; Das políticas para a escola às políticas educa-